

UM OLHAR PARA O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Fabiola Juliana Litivitski¹
Kelly Andressa Kohler²
Thaiane de Góis Domingues³

RESUMO

O lúdico tem um papel fundamental no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças na interação com o mundo, sendo assim, de grande importância o brincar na rotina escolar. A presente pesquisa parte da questão: toda e qualquer criança pode brincar? Tem como objetivo elucidar a importância do brincar como uma atividade da/na infância. Respalda-se teoricamente em Vigotski (1998), Velasco (2006) e Mazzotta (1996) ao compreender que é por meio do brincar que crianças se apropriam da sua imagem, do espaço e do meio sociocultural, conseguindo interagir consigo e com o outro, ampliando e diversificando o universo infantil, criando novas possibilidades de desenvolvimento. Se trata de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório e documental (Gil, 1999). A metodologia de produção de dados envolveu a observação das interações em situação do brincar ora direcionado, ora intencional com base em Freire (1996) junto a crianças de 4 e 5 anos da Educação Infantil. Um dos espaços de pesquisa foi um Centro Municipal de Educação Infantil, onde 23 crianças foram observadas em uma sala de ensino regular e sete crianças matriculadas em uma turma de Educação Infantil em uma escola de Educação Especial. Na sequência, com base na análise dos achados das observações foram planejadas e realizadas atividades de intervenção idênticas para os dois espaços e crianças pesquisadas. Tanto nos registros das intervenções como na análise dos achados, as pesquisadoras optaram por não fazer distinção entre as crianças com ou sem deficiência. Analisaram as crianças como seres holísticos, sua socialização, movimento, oralidade, participação e o brincar. Assim sendo, por meio de uma pesquisa que visualizou a criança, típica e atípica, como criança, somente, percebeu-se que a brincadeira pode propiciar múltiplas oportunidades para o desenvolvimento infantil, respeitando peculiaridades, mas visualizando a criança em sua integralidade, para além de possíveis limitações.

Palavras-chave: Criança, Educação na infância, O brincar, Educação Especial, Práticas inclusivas.

INTRODUÇÃO

A infância é um período da vida que vem sendo discutido em várias áreas da ciência social e a sua concepção como uma construção social, tem sido reconhecida pela sociedade como cultura infantil. Desta forma, a criança vem sendo cada vez mais objeto de estudo entre as diferentes áreas de pesquisa, vendo-a como um ser ativo, autônomo, de direitos, com capacidade de ação social e de produção cultural (Sarmiento; Pinto, 1997).

Ao refletir sobre a infância é necessário explicitar a importância de fazê-lo sob múltiplos olhares. Pensar na criança depreende a necessidade de considerar o contexto em que

¹ Graduada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR, Professora de Educação Infantil e Séries iniciais. E-mail: fajulitivitski@gmail.com

² Graduada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR, Professora de Educação Infantil. E-mail: kellykohler@hotmail.com

³ Professora Adjunta da Universidade Federal do Paraná – Licenciaturas do Campus Pontal do Paraná. E-mail: thaiane.domingues@ufpr.br



está inserida, bem como as relações sociais nos seus aspectos histórico, econômico, cultural e político. A soma destas perspectivas contribui para a construção de um significado e concepção de infância.

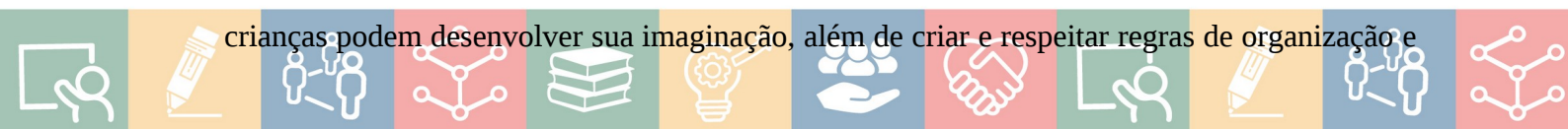
Posto isso, a presente pesquisa parte da seguinte questão: toda e qualquer criança pode brincar? Para tal, esse estudo parte de uma concepção de criança como um cidadão, e como tal, um ser de direito. Entre outros, deve ter garantida a possibilidade de brincar em um espaço seguro, em que seja ouvida e percebida em sua singularidade e pluralidade. Esse olhar pode possibilitar a constituição de uma sociedade mais humanizada, que almeja o pleno desenvolvimento da criança e dá condições para tal, indiferente de sua condição social, de saúde, ter ou não deficiências ou transtornos de desenvolvimento.

Desta maneira, o brincar na Educação Infantil auxilia no desenvolvimento da criança, pois é nesse espaço que as crianças interagem entre si, brincam e vivenciam sua infância com seus pares. Indiferente de sua condição, as crianças devem ter o seu direito ao brincar assegurado em sua infância, inclusive no espaço escolar. Conforme Mazzotta (1996), as crianças com deficiências possuem necessidades diversas, desenvolvimentos diferentes, ritmos distintos de aprendizagens e capacidades de aguçar e estimular a construção de conhecimentos.

Como é destacado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil por meio da Resolução CNE/CEB nº 5/2009 (DCNEI) (Brasil, 2009), em seu Artigo 4º, todas as crianças são sujeitos históricos e de direitos, que interagem, brincam, imaginam, fantasiam, desejam, aprendem, experimentam, narram, questionam e constroem sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. Portanto, crianças que apresentam alguma necessidade educativa especial, também têm direito e constroem o seu próprio conhecimento, interagindo com o meio e com o outro.

É por meio do brincar que meninos e meninas se apropriam da sua imagem, do espaço e do meio sociocultural, conseguindo interagir consigo e com o outro. A brincadeira habita o imaginário das crianças e contribui para enriquecer o seu universo, as suas vivências e as suas experiências. Por isso, a brincadeira amplia e diversifica o universo infantil, criando novas possibilidades.

Vigotski (1998) afirma que é na brincadeira que a criança consegue vencer seus limites e passa a vivenciar experiências que vão além de sua idade e realidade, fazendo com que ela desenvolva sua consciência. Portanto, é na brincadeira que se pode propor à criança desafios e questões que a façam refletir, buscar soluções e resolver problemas. Brincando, as crianças podem desenvolver sua imaginação, além de criar e respeitar regras de organização e



convivência, que serão, no futuro, utilizadas para a compreensão da realidade. A brincadeira permite também o desenvolvimento do autoconhecimento, elevando a autoestima, propiciando o desenvolvimento físico-motor, bem como o do raciocínio e o da inteligência.

Partindo desses pressupostos, essa pesquisa tem como objetivo geral elucidar a importância do brincar como uma atividade da/na infância. Os objetivos específicos da pesquisa são analisar a relevância dos estímulos proporcionados pela brincadeira; desvelar as possibilidades de protagonismo infantil no brincar; bem como identificar a potencialidade do brincar como instrumento de interação e desenvolvimento de crianças e professores.

Assim como fala Madalena Freire (1996), precisamos ter olhar sensível e observador para poder entender a criança em sua totalidade. Partindo desse pressuposto, essa pesquisa qualitativa se deu por meio de análise documental e exploratória. Para atingir os objetivos propostos a metodologia de produção de dados foi a observação das interações em situação do brincar ora direcionado, ora livre por meio de brincadeiras; e a intervenção com brincadeiras livres e dirigidas junto a crianças de 4 e 5 anos de duas instituições de Educação Infantil, um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) e uma Escola de Educação Especial, da cidade das pesquisadoras.

METODOLOGIA

Essa pesquisa se trata de um estudo qualitativo que envolveu a análise de documentos e produções sobre a infância, bem como a exploração de espaços dedicados às crianças, em uma Escola de Educação Especial (Instituição A) e em um Centro Municipal de Educação Infantil (Instituição B). Se tratando de uma pesquisa qualitativa contou com coleta de dados, observação, registros e intervenções. O uso da abordagem qualitativa, oferece um procedimento coerente, buscando assim resultados relevantes nas vivências experienciadas no ambiente escolar.

Segundo Gil (1999):

O uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos (Gil, 1999, p.25).

A abordagem qualitativa proporciona uma análise certa do campo de estudo, adequada para o desenvolvimento de pesquisas com crianças, fazendo assim uma participação



ativa do grupo. Contribui para uma ação reflexiva a partir da ressignificação e de uma busca teórica pelas respostas estabelecidas, tendo uma compreensão acerca do tema pesquisado. Considerando o caráter da pesquisa, inicia-se a descrição das instituições pesquisadas bem como a caracterização metodológica adotada.

A Instituição A é uma associação civil, beneficente, sem fins lucrativos, fundada no ano de 1975. Segundo a Instituição, visa a habilitação, reabilitação da pessoa com deficiência físico-motora, a prevenção e a promoção de sua inclusão à vida comunitária. Oferece através de uma equipe multidisciplinar, atendimentos de fisioterapia, fonoaudiologia, psicologia, nutricionista e assistência social. A escola tem 108 alunos, 14 professores, 1 diretora e 2 pedagogas, sendo uma no período da manhã e outra no período da tarde.

A Instituição B, atende 176 crianças de 03 a 05 anos de idade, oferecendo Educação Infantil nas modalidades creche e pré-escola. Conta com 12 professoras e 1 assistente de educação infantil, 1 diretora e 1 pedagoga. As condições socioeconômicas das famílias variam muito, algumas residências não possuem água tratada, energia elétrica e estão próximos aos córregos, o que as deixam em situação de risco e vulnerabilidade. Segundo o CMEI, sua missão é oferecer um ensino de qualidade, tendo a criança como sujeito do seu conhecimento, criando situações que a possibilitem viver a sua infância de maneira plena, através de uma educação direcionada ao cuidar e educar, respeitando seu modo de ser e estar no mundo.

A pesquisa envolveu inicialmente a observação de crianças de 4 e 5 anos em suas atividades pedagógicas cotidianas, bem como nos momentos de interação e brincadeiras, em dias distintos na Instituição A e na Instituição B. Na Instituição A foram observadas 7 crianças e na Instituição B participaram da observação 23 crianças. Os achados foram registrados por meio de um relatório de observação, pautando-se principalmente no sentido de elucidar a importância do brincar como uma atividade da/na infância.

Com base na análise dos achados das observações e do referencial da pesquisa, foi elaborada uma proposta de intervenção que contou com momentos de brincadeira livre com materiais não estruturados e com uma brincadeira dirigida, cujos resultados foram igualmente registrados em um relatório. Para buscar a isonomia das informações, as duas pesquisadoras estiveram presentes nos dois momentos de observação e de intervenção. Entretanto, protagonizou a atividade a pesquisadora que não era vinculada a instituição observada. Da mesma forma, a elaboração do relatório atendeu ao mesmo pré-requisito. A pesquisadora atuante no CMEI, fez o relato acerca da Escola de Educação Especial. Por sua vez, a pesquisadora que atua na Escola de Educação Especial fez as análises e relatos das observações e intervenções realizadas no CMEI.



Para o momento de observação se destinou quatro dias em cada instituição, sendo as manhãs na Escola de Educação Especial e as tardes no CMEI. De uma forma geral, os momentos acompanhados foram registrados através de: vídeos, fotos, anotações de conversas entre as crianças e crianças e adultos, com a devida autorização de uso de imagem, bem como a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte da gestão das duas instituições.

Para a realização da intervenção foram utilizados materiais diversos como: história, vídeo, música, ingredientes comestíveis, bacias, potes, colheres, elementos da natureza que contaram com momentos de atividades brincantes, livres e dirigidas. Isso se deu ao longo de dois dias, sendo no período matutino na Instituição A e no vespertino na Instituição B. Nos dias de intervenção na Instituição A, estavam presentes 5 crianças na primeira atividade e na segunda atividade estavam presentes 6 crianças. Nos dias de intervenção na Instituição B, estavam presentes 22 crianças na primeira atividade, já na segunda atividade estavam presentes 15 crianças. A receptividade das escolas foi acolhedora, sempre demonstrando disposição em ajudar a compreender as práticas educativas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Achados da pesquisa acerca das observações

Através de um roteiro de observação com o objetivo de elucidar a importância do brincar como uma atividade da infância, o olhar para as práticas e vivências nos espaços foram direcionados pelas pesquisadoras. Os aspectos observados foram organizados considerando os quesitos: Espaço e Tempo, Práticas Pedagógicas e o Brincar na Educação Infantil.

Se percebeu que na Instituição A e na Instituição B, muitos dos questionamentos em torno do brincar se deram de forma similar, existindo uma rotina para os acontecimentos diários, as atividades e brincadeiras estavam presentes diariamente nestes dois espaços.

A professora da Instituição A proporcionava momentos de trabalho com o grupo, mas também individualmente, com o objetivo de estimular sensorialmente as crianças e explorar o ambiente, disponibilizando acesso livre aos espaços de interesse, bem como aos brinquedos. Era feito um diálogo constante, onde a rotina e as explicações eram apresentadas visualmente, através de imagens para uma melhor compreensão, sendo reforçada constantemente.



Notou-se que a professora era referência para as crianças, o tempo todo buscavam por ela, com seus olhares, balbucios, gritos e choro. Maneira com quem se manifestavam emocionalmente para interagir e demonstrar satisfação e necessidades, dialogando constantemente para despertar a curiosidade de ver, ouvir e sentir. Percebeu-se que nas atividades brincantes, as crianças interagiam e se relacionavam com seus pares, despertando emoções diversas. As crianças entravam em sintonia umas com as outras, com o adulto e com o meio que as cercavam. As brincadeiras são necessárias e de grande importância para o reconhecimento e pertencimento a um grupo, assim como afirma Vigotski (1998). É por meio dela que a criança vive experiências, desenvolve consciência, supera desafios, reflete e propõe soluções para a resolução de problemas.

Na Instituição A, a oferta de brinquedos se fez presente constantemente. Eram brinquedos pensados e adaptados, estavam no campo visual da criança, de fácil acesso, para brincar e manipular. Ao mesmo tempo que eram agradáveis visualmente, de fácil higienização, flexíveis, resistentes e estimulantes. No espaço externo, o brincar continuava sendo uma extensão da sala de aula, as crianças tinham acesso a horta, parque e gramado, podendo interagir com a natureza, fazendo experiências e experimentações, misturando e mexendo, brincando e aprendendo. Assim, construindo conhecimento e se desenvolvendo através de brincadeiras, como afirma o ECA (Brasil, 1988), quando nos diz que o brincar é um dos direitos fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, físico e emocional. Portanto o brincar é algo natural da infância, traz vivências e aprendizados levados para outras fases da vida.

Na Instituição B a professora também proporcionou momentos de trabalho com o grupo e individualmente. Porém, com pequenos grupos entre as crianças, além de atividades individuais, quando necessário, pois se tratava de um grupo maior, com mais crianças do que na Instituição A. Já na parte comunicativa a compreensão na Instituição B, por parte das crianças, era mais rápida, com um diálogo constante. A professora, assim, explorava em assembleia a proposta para a semana, utilizava imagens para uma melhor compreensão e explorava junto com as crianças conhecimentos prévios ou já adquiridos por elas. Incentivava a investigação ao manipular materiais diversificados, estruturados e não estruturados, fazendo pequenas construções, criando e recriando saberes.

A professora na Instituição B é uma mediadora, na construção de seus conhecimentos, instigando, questionando e desafiando as crianças para irem em busca de respostas e questionamentos. A professora se demonstrava atenta a gestos, falas e atitudes das



crianças, percebendo seus anseios quanto as suas satisfações e necessidades. Muitas vezes intervinha, acolhendo-as com colo, carinho, atenção, considerando seus sentimentos e ideias.

O brincar na Instituição B, era diferenciado em relação à Instituição A, devido a rotina aplicada, pautada em cumprir conteúdos que por muitas vezes reduziam o tempo do brincar, tão necessário a essa faixa etária. Observou-se, entretanto, que a professora oportunizava o brincar entre as atividades de conteúdo, tendo em mente a importância da criança construir significados em suas interações com seus pares, como define Corsaro (2009).

As crianças na Instituição B, estavam a todo o tempo criando formas de brincar, seja em grupo ou sozinhas, brincadeiras dirigidas ou não, com brinquedos ou sem brinquedos. Isso reforça o entendimento que a imaginação é fundamental ao brincar. As crianças se utilizavam muitas vezes dos brinquedos, mas também de seu próprio corpo e o reconheciam como sendo o que necessitavam para a brincadeira.

Pode-se dizer que na Instituição A e na Instituição B, as crianças buscavam a todo o tempo formas de brincar. O brincar é uma importante forma de comunicação, corroborando com Borba (2011), que nos traz que é por meio do brincar que a criança desenvolve atenção, memória, imitação e imaginação entre a realidade e a fantasia.

Portanto, os dois espaços de aprendizagem acolhem o brincar como uma atividade da infância que desenvolve saberes, pois ao brincar a criança pensa e analisa sobre sua realidade e o meio em que está inserida, criando cultura e dialogando sobre os papéis sociais e suas regras. Segundo RCNEI (Brasil, 1998), brincar é umas das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia.

Achados da pesquisa acerca das intervenções

O brincar integra a cultura, com significados e sentidos, estimulando e desenvolvendo habilidades. Partindo dessa premissa, verificou-se que na aplicabilidade das atividades brincantes nas duas instituições se obteve ora resultados similares, ora resultados distintos entre o brincar.

Tanto na Instituição A, quanto na Instituição B, foi preparado um espaço contendo materiais diversos onde a criança pudesse fazer suas próprias investigações, experimentações e manipulações. A primeira atividade brincante foi proporcionada no ambiente externo, contendo materiais com elementos da natureza, distribuídos em pequenas ilhas ao alcance das crianças possibilitando a exploração livremente.



Constatou-se que nas duas instituições as crianças foram em busca de uma validação do comando do adulto para poderem explorar esse ambiente, levando em consideração que as pesquisadoras não fazem parte de seu cotidiano e trouxeram uma proposta diferente do habitual, o que ocasionou timidez e receio de mexer em algo que não lhe pertence sendo necessário a intervenção no sentido de demonstrar segurança no desenvolvimento da proposta. Na Instituição A, foi necessário a pesquisadora colocar sua mão em uma das ilhas⁴ para que as crianças compreendessem que a exploração poderia ir além do olhar, e a partir desse pequeno gesto, as crianças se aproximaram e começaram a brincar e manipular os materiais e objetos ali dispostos. Já na Instituição B, as crianças ficaram paradas na frente das ilhas olhando umas para as outras e se perguntando o que deveriam fazer, até que se dirigiram a pesquisadora questionando se poderiam mexer. A mesma validou com um aceno, na sequência, começaram a brincadeira. Esses comportamentos dialogam com os pressupostos da BNCC (Brasil, 2017), que nos traz o brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos).

Ao longo da intervenção, houve momentos de discórdia e disputa entre as crianças nas duas instituições, onde a pesquisadora não interviu, deixando os pequenos se resolverem. Também chamou a atenção a similaridade nas brincadeiras, entre elas a de transportar o elemento de uma ilha a outra, a imitação de estar fazendo uma comida, mexendo e misturando os elementos na imaginação de preparar um alimento, na disputa pelo mesmo objeto, na interação de aceitar ou não o outro como seu par.

Houve também particularidades em cada intervenção. Na Instituição A, as crianças necessitaram de um pequeno auxílio e incentivo para participar, pois algumas têm dificuldade de movimento e locomoção, necessitando que a pesquisadora estivesse ao seu lado alcançando materiais e objetos. As crianças interagiram através de gestos e balbucios na busca de seus colegas para o alcance do que precisavam, havendo o compartilhar e a troca entre pares, fluindo o brincar através da imaginação, criação, exploração e manipulação. Se fez presente o olhar atento da pesquisadora, como no caso de uma criança que colocou areia na boca quando brincava de imitar. A pesquisadora neste momento se dirigiu a ela para ajudá-la e limpar sua boca.

Da mesma forma, ocorreram particularidades na Instituição B. As crianças criaram regras entre elas e buscaram por afinidades ao interagir, produzindo a cultura de pares.

⁴ Ilhas são espaços de aprendizagem onde as crianças exploram diferentes materiais desconstruídos, texturas e sensações, proporcionando novas vivências que resultam no desenvolvimento social, cognitivo e espacial. As ilhas da pesquisa continham elementos da natureza como: galhos, folhas, areia, argila, terra, água e pedra.



Exploraram para além das ilhas, levando os elementos ao chão, compartilhando o brincar, chamando seus colegas e os desafiando no resgate das brincadeiras através das relações sociais e culturais das crianças. Parafraseando Oliveira (2000, p. 49) “o brincar não significa apenas recrear, é muito mais, caracterizando-se como uma das formas mais complexas que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo”.

Se verificou que, de fato, a atividade sensorial traz muitos benefícios as crianças, estimula e desenvolve seus sentidos de maneira lúdica, oportunizando a criança a expressar suas emoções, experimentar diferentes sensações, interagir com o meio. Além disso, se identificou que a atividade promoveu autoconhecimento e regulação emocional, despertando o interesse em descobrir novas formas, sons e cores, estimulando a curiosidade, comunicação, empatia e cooperação, gerando o protagonismo infantil em todo o seu sentido, como nos coloca a BNCC (Brasil, 2017).

Na atividade brincante dirigida, foi utilizada uma abordagem similar à da primeira atividade nas duas instituições, porém com a pesquisadora mediu o aprendizado desta vez, sendo parte integrante, participando junto as crianças desafiando-as, indagando-as, proporcionando momentos para que as crianças fossem em busca de soluções, tentativas através de erros e acertos. Nesta atividade, todo o planejamento e acontecimentos giraram em torno da história: “O Caso do Bolinho”, com o intuito de perceber as diversas formas de linguagem como meio de comunicação, percebendo as capacidades do seu corpo em situações de exploração, desenvolvendo coordenação motora, concentração, criatividade e imaginação, através do brincar.

Pautando-se em Vigotski (1998), percebeu-se o entusiasmo das crianças ao começar a história, pois ficaram empolgadas apontando, sorrindo e comentando, interagindo a cada nova descoberta. Em dado momento da história, já faziam pequenas repetições das falas dos personagens. As crianças da Instituição A apontavam e balbuciavam, fazendo tentativas de repetir uma palavra ou outra. A história foi também disponibilizada de forma musical e visual, o que na Instituição B gerou inquietação, pois as crianças queriam estar o mais próximo possível para visualizar o vídeo. Já na Instituição A o vídeo musical despertou mais interesse pelo movimento, cores e ritmo, atraindo a atenção das crianças.

Dando continuidade à atividade foram apresentados para as crianças os ingredientes para a realização da receita do Bolinho. A pesquisadora leu para elas quais seriam os ingredientes e suas respectivas quantidades, explicando que ali iria nascer o Bolinho da história que havia contado. As crianças ficaram eufóricas para mexer e amassar a massa dando forma e cor aos seus Bolinhos.



Na Instituição A, tudo ocorreu de uma forma tranquila, mesmo com uma das crianças apresentando uma sensibilidade emocional, no momento da manipulação dos ingredientes as crianças, demonstraram uma pequena agitação para descobrir o que seria feito. Com o auxílio das professoras as crianças tiveram a oportunidade de sentir, mexer, manipular e transformar aqueles ingredientes em um Bolinho, tendo também a chance de colorir caso quisessem.

Na Instituição B, a criação do Bolinho ocorreu entre risadas, conversas e comparações, as crianças demonstraram euforia quando disponibilizado a elas o corante alimentício para colorirem. Neste momento, houve discórdia entre alguns que não aceitavam que o outro utilizasse a mesma cor que eles, havendo a necessidade da interferência da pesquisadora em mediar o conflito e ajudá-los a manter a fluidez da brincadeira. O Bolinho foi experimentado no sentido de fazerem pequenas experiências, observando o seu comportamento, quando rolaram, amassaram e ressignificaram o brincar com seu brinquedo chamado “Bolinho”.

Assim se deu o brincar para as duas instituições, criador e criatura, explorando e experimentando movimentos e formas, dando vida e sentido ao colocar olhos e desenhar a boca em suas criações. “O brinquedo é uma linguagem universal que todas as crianças do mundo podem compreender.” (Velasco, 1996, p. 49).

Conclui-se por meio da intervenção realizada que o brincar é algo presente na vida das crianças, é por meio do brincar que as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como atenção, imitação, memória e imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. (RCNEI, 1998). É importante repensar o processo de ensino e aprendizagem, para que este não pare no tempo, carecendo de inovações seja tecnológica, prática ou teórica.

Desta forma, se constata que ensinar ludicamente através do brincar torna a aprendizagem da Educação Infantil e principalmente na Educação Especial mais significativa e prazerosa, para as crianças. As políticas públicas devem assegurar esse direito a todos. As brincadeiras podem, inclusive, facilitar o desenvolvimento psicomotor, uma vez que estimulam a criatividade, imaginação, a exploração do espaço, melhoram a participação e a motivação da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O brincar é a forma que crianças estabelecem e sustentam interações com seus pares. As brincadeiras podem facilitar o desenvolvimento psicomotor, estimulando sua criatividade, imaginação, seu espaço de exploração, melhorando a participação e a motivação da criança. O direito de ser criança deve ser respeitado, de forma que ninguém apresse o seu desenvolvimento, que ninguém exija delas a responsabilidade de um adulto, que a educação seja prioridade em sua formação.

Por meio de uma pesquisa que visualizou a criança, típica e atípica, como criança, somente, percebeu-se que a deficiência não impede o aprendizado da criança. Assim sendo, a brincadeira pode propiciar condições adequadas para o desenvolvimento infantil, respeitando peculiaridades, mas visualizando a criança em sua integralidade, para além de possíveis limitações.

Nem toda criança aprende da mesma maneira, o processo de aprendizagem pode ser desafiador, crianças atípicas, por conta de suas condições, apresentam dificuldades na aprendizagem, dificuldades no desenvolvimento cognitivo, motor, linguístico ou emocional, na maioria das vezes. Além disso, podem ter dificuldades em sua comunicação, por isso deve-se ficar atento a como se expressam através de gestos, movimentos e comportamento. É na escola que devem receber um ambiente que ofereça acolher essa criança, proporcionando oportunidades de desenvolvimento, socialização e aprendizagem, valorizando-as e respeitando-as, contribuindo para sua autoestima e bem-estar emocional.

Ao se pensar em criança, deve-se compreender que são singulares, seres que pensam de um jeito próprio, naturalmente curiosas, aprendem explorando e manipulando, necessitam de interação para aprender e se desenvolver, manifestam suas vontades e necessidades. Portanto, quando pensamos em uma atividade brincante proposta as crianças atípicas, essa irá abranger crianças típicas, demonstrando que para o brincar não existe barreiras. Assim, planejando atividades pensadas para crianças atípicas, o que conseguiam realizar, não se fez necessário adaptar as atividades propostas para as demais.

Por isso, durante o tecer da pesquisa e deste artigo, as pesquisadoras optaram por não fazer separação entre crianças típicas e atípicas ao longo das descrições. Olharam a criança como um ser holístico, sua socialização, movimento, oralidade, participação e o brincar.

Encerra-se essa pesquisa com a proposição que olhares acerca do brincar sejam intensificados na formação inicial e continuada de professores, de maneira que professores e futuros professores compreendam que é por meio da observação do adulto e, consequentemente, a forma como se organiza a ação pedagógica e oportuniza a construção de novas experiências das crianças, que se transformam atitudes junto às crianças. De maneira



que o brincar englobe por parte do docente a reflexão, a escuta, a troca, partilha, acolhimento, o pensar no que a criança pensa e compromisso mediante a cada etapa de desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

BORBA, Â. M. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. Brasília: Ministério da Educação. 2011.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. **ECA** _ Estatuto da Criança e do Adolescente.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília : MEC, SEB, 2009.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CORSARO, W. **Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças**: diálogos com William Corsaro. In: Teoria e prática na pesquisa com crianças. Muller, A. M. A. C. (Org). São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, M. **Observação, registro e reflexão**. Instrumentos Metodológicos I. 2ª ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação Especial no Brasil** – História e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 1996.

OLIVEIRA, V. B. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos delimitando o campo. In: PINTO, M.; SARMENTO, M.J. (Org.). **As crianças**: contextos e identidades. Braga: Bezerra, 1997. p. 09-30.

VELASCO, C.G. **Brincar**: o despertar psicomotor. Rio de Janeiro: Sprit. 1996.

VIGOTSKI, L.S. **A Formação Social da Mente**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

